

Luís Augusto Lé
Cinício Teixeira Roque Jr.

DIÁRIO
DE UM ALQUIMISTA

BRODOWSKI/SP

Toda e qualquer semelhança de personagens e situações deste romance com personagens e situações da vida real será mera coincidência.

Autores: Luís Augusto Lé
Cinício Teixeira Roque Jr.

1. Literatura Brasileira. Romance.

Contato: readfreebrazil@gmail.com
gutole@r7.com

Todos os direitos reservados aos autores

SUMÁRIO

Prólogo	01
Como Tudo Começou	08
A Partida	14
Um Novo Engano	21
O Encontro Com O Guia	27
Que Atrapalhada!	34
Rumo Certo	41
Pernas Pró Que Te Quero	48
Contando Estrelas	54
Um Tiro Certo	61
Cidade À Vista	68
Esse Tal de Chupa-Sangue	75
Uma Antiga Ordem	83
Uma Velha História Pró Contar	95
Traído Pelo Destino	104
Todos Contra Mim	116
Ritual de Energização Positiva	122
Exorcizando o Mal	134
Lagoa dos Milagres	140
Uma Dessas Festas do Interior	151
Milagres da Sagrada Ordem	158
Na Encruzilhada do Destino	167
Perfeitamente Louco	174
No Nosocômio de São Bento	184
Um Guia Roqueiro	192
Verdade Ou Mentira	202
Sempre Fiel À Ordem	209
Outro Guia A Menos	219
Mais Uma Provação	225
Sem Futuro	235
Verdades e Mentiras	241
Ladrão Rouba Ladrões	258
Epílogo	273

DEDICATÓRIA:

A Saulo Lebre, por representar o verdadeiro perfil do brasileiro, que come pão com açúcar e água fria, mas não fica sem o "esoterismo nosso de cada dia".

À Neusinha C., amiga, cujos caminhos de conduta refletem a grandeza de sua alma.

PRÓLOGO

— Ao tocar na Esfinge Dourada, sua voz se torne pura e vívida, tão melíflua que será o acorde de sua vitória perante seus inimigos. Sua lábia seja tão vultosa e fértil, que seus bolsos se tornarão pequenos para guardar o dinheiro que serão lançados aos montes pelas pessoas iludidas de suas palavras.

O Mentor, com suas famigeradas mãos santas, ergueu a pequena gaiola onde a Esfinge encontrava-se presa e, com um golpe sutil, abriu a portinha de bambu, iniciando o ritual da Ordem dos Mentecaptos. Usando de boa camaradagem, chacoalhou a gaiola numa euforia inimaginável. A pobre Esfinge Dourada, uma espécie rara de borboleta, fruto da imensa diversidade cosmo energética, permanecia presa firmemente de cabeça para baixo no alto da gaiola, com as asas fechadas e fulgentes.

Eu sentia que o momento de minha transformação estava próximo. Assim como a borboleta sofre metamorfose, eu precisava apenas tocar na Esfinge Dourada para que minha mente sofresse uma brusca mudança, e deste modo libertar minha imaginação criativa e mística, transformando-me num novo homem, com uma inteligência cativante, poderosa, persuasiva.

Desde o momento em que eu entrei para a Ordem dos Mentecaptos, o meu Mentor prometeu abrir meus caminhos usufruindo da energia cosmo energética presente no corpo vítreo da cristalina Esfinge Dourada.

O Mentor, em sua bondade ímpar, aproximou a gaiola na altura de meu peito, ordenando para eu estender minha mão direita e apanhar a borboleta. Transmutado pelo impulso ganancioso que tomou

minha mente, ergui um vasto sorriso mentecapto. Olhei para o alto de um coqueiro, para o lago à minha esquerda, estendi meus braços em direção à abertura da gaiola, abrindo minhas mãos, e antes de tocar na Esfinge Dourada, uma seqüência inusitada de cocos despencou sobre a cabeça de meu Mentor. A gaiola, que tinha forma oval, rodopiou e rolou favorecida pelo desnível do terreno, seguindo rumo ao lago.

Elevei as mãos à cabeça. A minha sorte estava indo água abaixo. A esperança de me libertar da escuridão intelectual e mística tinha se transformado em pesadelo. O Mentor, desmaiado, estirado ao chão, nada poderia fazer para salvar a Esfinge Dourada. Se ao menos eu tivesse tocado nela, a energia cosmo energética teria curado minha burrice, e meus neurônios seriam energizados, fortalecendo minha mente com o dom da persuasão e da criação divina.

Deixei o Mentor desacordado e caminhei em direção às margens do lago. Aproximei-me de um emaranhado de galhos secos à beira daquela água cristalina. Depois de ferir as mãos, com muita dificuldade consegui retirar um ramo de aproximadamente quatro metros.

A gaiola boiava na água calma do lago. A Esfinge Dourada continuava dependurada, num sono eterno. Com cuidado e perícia, procurando não agitar a água, segurei fortemente o galho e o estendi rumo à gaiola.

Poucos centímetros separavam o galho da gaiola. Um espaço tão curto, insignificante, mas que significava uma questão vital; um anseio que emanava do meu interior obcecado pelos deleites inerentes ao Poder. A Esfinge Dourada dotar-me-ia de uma nova voz; uma voz harmoniosa e sedutora,

capaz de iludir o povo com promessas mirabolantes, com palavras de fé, de cura, injetando uma dose de encanto aos olhos frágeis, aos corações derretidos daquelas pessoas fáceis de serem dominadas; eu poderia até chegar a ser um grande líder. Imagine! Imperador da Terra! Dono de tudo e de todos.

Dei um passo à frente, ficando com os pés dentro d'água. Foi o suficiente para alcançar a gaiola com o galho. Quando me preparava para puxá-la até a margem, vi uma sombra gigantesca refletida na água. Olhei para trás e, de súbito, dei um berro, caindo de costas dentro do lago.

As ondas formadas pela minha queda, conduziram a gaiola em direção à outra margem. Debatia-me no raso do lago e gritava por socorro. O estranho ser que havia me assustado, estendeu suas peludas e fortes mãos. Depois, puxou-me da água, salvando minha vida.

__ Que é você? -- indaguei pasmo, olhando de alto a baixo o robusto gorila rubro.

__ Muito me impressiona sua bravura. Sou o Mensageiro da Libertação.

__ Libertação? Você é um de ...

__ Muito esperto, meu jovem. Como você descobriu que eu sou o seu demônio? -- revelou o gorila, admirado.

__ Demônio? Eu ia dizer debilóide. Mas que história estranha é essa? -- inquiri.

__ Será que eu errei de endereço? Aqui na minha agenda diz: calvo, um metro e setenta, nem muito gordo nem muito magro, membro da Ordem dos Mentecaptos, o lugar seria uma floresta próxima a um lago, estaria realizando o culto da Esfinge Dourada a sós com seu Mentor ... -- descreveu o Gorila rubro.

__ Espere aí. Isso tudo que você está dizendo tá escrito na sua agenda? -- interrompi, incrédulo.

__ Tome. Veja com seus próprios olhos.

Peguei a agenda em minhas mãos e, com muita dificuldade, li aqueles garranchos. O que o tal Mensageiro da Libertação havia dito correspondia com o que estava escrito em sua agenda. O curioso era que na última linha havia o meu nome grafado. Minha curiosidade foi tanta que não contive a indagação:

__ O que meu nome está fazendo aqui?

__ Ah! Então você é Saulo Lebre, a quem eu procuro?

__ Sei lá. Eu nunca o vi em toda minha vida. Por quê você haveria de me procurar? -- interroguei, afastando-me daquele estranho sujeito que dizia ser o Mensageiro da Libertação.

__ Deixe-me esclarecer os fatos: toda pessoa tem seu anjo e seu demônio. Entende? Eu sou seu demônio particular. Minha função é te acompanhar a vida toda. Aliás, tenho a missão de lhe importunar e fazer de tudo para que você não trilhe o caminho do bem. Entende? Sabe de uma coisa, eu não gosto muito do serviço que faço. Meu sonho era ser um anjo para poder realizar coisas boas às pessoas. Mas, infelizmente, o que me cabe é apenas obedecer às ordens -- revelou o dócil Mensageiro.

__ Desse jeito vou ficar maluco. Você acabou de destruir o sonho de minha vida.

__ Ora, seu tonto. Não acabei de lhe dizer que sou seu demônio particular e minha única e exclusiva função é bagunçar sua vida? Eis me aqui, honrando meu serviço -- esclareceu o Gorila rubro.

__ Só para você ter uma idéia de minha maldade, fui eu quem atirou os cocos na cabeça do otário de seu Mentor.

A minha ganância era tanta que havia esquecido do Mentor. O pobre coitado continuava desmaiado, estirado ao chão, relegado pelo seu egoísta servo. Indefeso, abri um sorriso maroto e especulei o Mensageiro.

__ Tudo bem. Você veio para me destruir. O que tenho de fazer para que você largue de meu pé?

__ Como assim, largar de seu pé? Eu não estou segurando o pé de ninguém -- argumentou o Gorila, ironicamente.

Além de sensível, ele também era burro. Procurei ser mais claro e conciso:

__ Eu perguntei o que você deseja de mim?

__ Ah! sim. Minha missão é atrapalhar sua vida, colocar o máximo de obstáculos em seu caminho. A ordem é para não lhe destruir, não lhe matar. Entende? Você terá uma segunda chance de tocar na Esfinge Dourada. Se você conseguir transpor todas as barreiras de sua saga e, finalmente, tocar na borboleta, sua ignorância mística e sua burrice crônica desaparecerá. Seus sonhos resplandecerão, serão vívidos, e o poder estará em suas mãos.

Encantado com aquelas palavras finais do Mensageiro, meus olhos brilharam comovidos pela possibilidade de poder realizar meu sonho: se tornar num alquimista detentor de todo o conhecimento universal e me transformar num poderoso líder. Criei coragem e indaguei:

__ Como eu conseguirei tocar na Esfinge se ela está no meio da lagoa?

__ Veja! -- exclamou o Mensageiro, apontando em direção ao lago.

Subitamente um redemoinho surgiu no meio do lago e sorveu a gaiola, levando consigo a Esfinge Dourada.

__ E agora?

___ Agora, meu caro amigo -- prosseguiu o Gorila, pondo as mãos em meu ombro -- Se você quiser tocá-la terá de realizar uma peregrinação entre as cidades de Varginha e São Tomé das Letras. O que tenho a lhe desejar é má sorte. Estarei com você, ao seu lado, atrapalhando sua árdua missão. Até breve -- despediu-se o Gorila rubro, desaparecendo entre os galhos das árvores.

Ouvi o grito do Mentor. Corri até ele. Seus olhos estavam abertos; seu corpo, arroxeadado e pálido.

De repente, ouvi a voz fraca e deformada do Mentor, que consumou o ritual:

___ Em nome da Ordem dos Mentecaptos, eu o nomeio Cavaleiro iluminado dos caminhos ocultos.

___ O quê?

___ Não diga absolutamente nada. A partir de agora você tem que seguir seu destino. Não há tempo para explicações. Meu corpo cósmico está se desintegrando.

___ O que está acontecendo, amado Mentor? -- inquiri, preocupado.

___ Estou morrendo, seu idiota. Você falhou em sua missão. Não estava preparado para tocar a Esfinge Dourada. Seu coração impuro, obcecado pelo poder, enfraqueceu e permitiu a ação de seu demônio particular. Os cocos que caíram sobre minha cabeça romperam minha energia cósmica, e sem energia meu corpo se enfraqueceu. Procure pelos membros da Ordem; eles dirão o que deve ser feito.

___ Fazer o quê?

___ Só posso lhe adiantar que sua missão é encontrar a Esfinge Dourada -- disse o Mentor, fracamente.

___ O que devo fazer para encontrá-la? -- perguntei sôfrego.

___ Use o pouco de inteligência que lhe resta. Ouça seu anjo. Chame por ele. Sua missão começa na cidade de Varginha e seu destino final será São Tomé das Letras -- declarou o Mentor.

___ O Gorila também disse a mesma coisa para mim.

___ Não importa o quê digam a você. Caminhe de mãos dadas com seu anjo. Deixe-o guiar seu caminho e escreva sua história. E muito cuidado com aqueles que o circundam. Ouça a voz de seu anjo e o deixe ajudá-lo.

___ Então, em quem eu devo confiar para me guiar?

___ Procure pelo seu Guia -- revelou o Mentor.

___ Guia! -- exclamei pálido ao me deparar com uma densa névoa, que surgiu misteriosamente.

Afastei-me um pouco do Mentor. Em poucos minutos, encontrava-me totalmente perdido naquela neblina de uma aparência estranha que parecia com gelo seco. Não conseguia enxergar um palmo a minha frente. Com as mãos apalpava o ar a esmo, com a esperança de encontrar algo em que pudesse me apoiar.

Preso naquela floresta, no alto da Mina da Colônia de Monte Belo, coberto por aquela estranha neblina, senti minha mão ser espetada por um espinho. Um arrepio de medo atravessou meu corpo inerte; meu coração pulsava cada vez mais forte, já me sentindo totalmente arrependido de estar naquele local. E meu sonho de se tornar num alquimista? O Mentor morreu por mim, pela minha causa, e nada pude fazer para salvá-lo. Tinha que honrar meu compromisso com a Ordem, ser fiel a ela e cumprir minha missão.

Antes, porém, que eu pudesse dar um passo à frente, um coco caiu em minha cabeça, e desmaiei.

CAPÍTULO I

COMO TUDO COMEÇOU

A Sagrada Ordem dos Mentecaptos era uma espécie de sociedade secreta. Seus membros eram escolhidos através de um criterioso procedimento ritualístico.

De três em três meses, no primeiro dia de cada estação, o Mentor se reunia com os Cavaleiros Iluminados da Ordem e escolhiam um novo membro para integrar os Eleitos.

O processo era simples: com as mãos, olhando para as estrelas, exaltavam as forças ocultas da natureza, sua beleza e energia. Após uns dez minutos de concentração, um dos Iluminados, em transe, se afastava do círculo e derrubava uma árvore a machadadas. Da árvore despedaçada pelo vigor do Cavaleiro, fazia-se uma fogueira e todos formavam um novo círculo em torno do Elemento Primordial.

O Mentor acendia a Tocha Santa. Após beber algumas canecas de uma água ardente, punha-se a dançar ao redor do fogo. De repente, parava. Nesse momento ele estava sendo energizado pela Consciência Cósmica. Todos os Cavaleiros deveriam manter absoluto silêncio enquanto o Mentor se encontrasse naquele estado especial. Então o líder da Ordem olhava para o fogo em sua Tocha e passava a ter revelações especiais que tão somente ele podia vislumbrar.

A piromancia geralmente era rápida (principalmente se o Mentor estivesse com fome), indicando ao líder dos Mentecaptos qual o novo membro que deveria ser intimado a fazer parte da sociedade secreta.

O Mentor dirigia-se, então, a um dos Cavaleiros e, apontando a Tocha em sua direção, ordenava-lhe que partilhasse com ele a visão do futuro Cavaleiro.

— Ide agora e trazei em breve o eleito -- eram as palavras proferidas pelo Mentor, as quais obrigavam seu destinatário a encontrar e trazer, no prazo máximo de quatro horas, o novo membro cuja face apenas ele e o Mentor conheciam.

Enquanto aguardavam o retorno do emissário, os Mentecaptos aproveitavam o fogo e faziam um churrasquinho de carne bovina e suína, ambas provenientes de uma das fazendas do tarólogo da Ordem.

Foi assim que Albertinus, meu guia, havia partido em busca de mim, a fim de ser levado até o secreto lugar do Ritual.

Lembro-me até hoje como se deu nosso encontro.

Morava na roça, num casebre simples de três cômodos. Tinha acabado de ouvir uma fita de um tal de Dr. Ribero, o qual prometia que qualquer um podia ter o que quisesse na vida, desde que comprasse seus livros e seu Kit com 49 fitas cassetes que revelavam os segredos do sucesso. Até aquele dia eu já havia ouvido trinta e duas fitas e nada. Aliás, até meu cachorro sarnento me abandonara por causa da cadela da vizinha. Quando eu o via, do outro lado da cerca, ele dava as costas, empinava o rabo e ia rebolando para dentro da casa da mulher. Eu estava numa pior. E imbecil, como era, ninguém na cidade me dava emprego. Foi então, naquela noite, que eu ouvi uns gemidos esquisitos vindos lá dos lados da casa da vizinha.

Na briga do medo com a curiosidade, a última levou vantagem e me fez sair de casa e chegar perto da cerca. Vi que meu cachorro e a cadela da vizinha estavam namorando e não davam nem bola para a

barulheira que vinha de dentro da casa. Como os gritos e gemidos pareciam estar mais fortes ainda, pulei a cerca e corri até a casa da moça, com o maior medo de ela estar sendo atacada pelo Chupa-cabra.

Dei o maior pontapé na porta e saltei para dentro da casa a fim de ajudar minha vizinha.

__ Mas o que é isso? -- perguntou um estranho que se encontrava deitado de costas no chão com minha vizinha por cima dele.

_ Ora se não é o jumento do Saulo Lebre, meu vizinho gago -- ironizou a moça, parecendo pouco se importar com a minha presença.

__ É que eu pensei que você estava sendo atacada pelo Chupa-cabra. E como seu pai não está em casa esses dias, eu vim te defender.

__ E eu lá preciso de alguém para me defender? Meu negócio é atacar, seu intrometido.

__ Me desculpe. É melhor eu voltar para casa. Já é quase meia-noite.

__ Meia-noite! __ exclamou o estranho. __ Já faz quase quatro horas. O que eu faço agora?

__ Onde você pensa que vai, hein? -- intimidou-o minha vizinha. __ Eu ainda estou faminta.

__ Se você quiser, lá em casa tem um pouco de feijão. Eu posso trazer para matar sua fome.

__ Vai te catar, sua coisa.

Mas antes que a moça me insultasse mais, o estranho a empurrou de lado, ajeitou as roupas, puxou-me pelo braço e saímos correndo daquela casa.

__ Pega, cachorro! Pega!

Sorte nossa que meu cão e a cadela da moça continuavam namorando, pouco valor dando aos gritos da vizinha.

__ Santa Energia! Faltam dez minutos para Ritual recomeçar -- disse o estranho apreensivo. Depois ele olhou bem para mim e continuou: __ Cara, hoje é teu dia de sorte.

__ Sorte! Eu nem sei o que é isso mais.

__ Vem comigo que eu te explico tudo pelo caminho.

Fiquei sabendo que ele se chamava Albertinus e que sua mãe era uma mulher muito formosa e querida em sua cidade, no interior de São Paulo. Relatou-me também que havia sido escolhido para ser Cavaleiro Iluminado da Ordem Esotérica dos Mentecaptos há uns dois anos. Disse-me que estava em missão especial para encontrar o novo membro da Ordem quando minha vizinha apareceu no meio do mato, contou-lhe uma história triste e o levou até a casa dela, desviando-o assim de seu objetivo. O pior era que ele havia se esquecido de que dispunha do prazo de quatro horas para encontrar e levar a pessoa que foi revelada através do fogo sagrado até o local do Ritual.

__ E aonde eu entro nesta história? -- quis saber, tentando entender aquelas coisas estranhas que Albertinus me contava.

__ Você vai ser o novo membro da Ordem dos Mentecaptos.

__ Quê? Mas foi o meu rosto que você viu no fogo?

__ Que nada, cara. Nem eu nem o Mentor vimos rosto nenhum. Trata-se tudo de uma grande encenação para iludir os imbecis que acreditam nestas coisas.

__ Como?

__ Não tente entender nada agora. Com o tempo, se você for perceptivo, vai ver o porquê de as

pessoas terem necessidade destas baboseiras. Agora aperte o passo senão vou me dar mal.

Era exatamente meia-noite quando eu e Albertinus, após atravessarmos um denso matagal, nos aproximamos do lugar do Ritual.

Na hora que chegamos, um dos Cavaleiros desligou o rádio que tocava um pagode e, logo em seguida, deu ordem para todos pararem de beber e comer.

Meio cambaleantes, os Eleitos foram vagorosamente formando um círculo ao redor da fogueira. Um som proveniente de uma corneta antecedeu a entrada teatral do Mentor no Solo Sagrado.

— Aproximai o emissário! -- exclamou o Mentor, um homem trajando uma espécie de hábito monástico branco, com um capuz repleto de estrelas vermelhas bordadas.

— Trouxe nosso novo membro. Eis o eleito! -- disse Albertinus num tom de voz bem diferente do habitual. Conduziu-me para o centro do círculo, entre a fogueira e o Mentor. Este fitou-me longamente antes de estender seus braços para mim e me beijar na testa.

— Como os mortais o chamam, meu filho? -- inquiriu-me o velho encapuzado.

— Saulo Lebre -- respondi, tremendo feito uma vara verde.

O Mentor parecia incomodado com minha gagueira. O sutil olhar de reprovação que lançou em direção a Albertinus me deu a entender isto.

— Percebi, caro filho, que o invólucro de sua alma apresenta uma deficiência na sua inteligência. Quereis ficar curado dessa limitação, nobre Eleito?

— Claro -- respondi sem hesitar.

— Se assim o desejais, assim haverá de acontecer. Amanhã de manhã, guiado por Albertinus, seu guia espiritual, irás a um outro Solo Sagrado, onde curarei você de toda tolice e falta de inteligência. Eu o introduzirei na Sagrada Ordem Esotérica dos Mentecaptos. Aceitai esta benção, meu filho, e verás como tudo se transformará em sua vida.

De obscuro tornei-me um iluminado, completamente embevecido pela promessa daquele homem que aparentava ser tão sério e dotado de um extraordinário poder sobrenatural. Ademais, o ambiente que me envolvia evocava meu lado místico, gerando uma profunda confiança naquelas pessoas que, em breve, tornar-se-iam meus companheiros e guias no caminho que haveria de trilhar em busca de minha cura e de meu sucesso pessoal.

Lembro-me ainda, que aquela noite terminou num clima de grande esperança, o que me impulsionou a assinar alguns papéis que os bondosos membros da Ordem me deram.

Assim foi como tudo começou.

CAPÍTULO II

A PARTIDA

As pessoas têm de lutar pelos seus objetivos, custe o que custar e doa a quem doer. Meu objetivo era curar minha falta de inteligência e, graças à Ordem dos Mentecaptos, sentia-me fortalecido e iluminado pela coragem, perseverança e entusiasmo. No caminho que iria seguir não sabia o que havia de encontrar pela frente, mas tinha plena convicção que venceria, pois só os fortes e sábios vencem as adversidades da vida. A sabedoria da Ordem era elementar para vencer os obstáculos que os Mensageiros impunham em nossa caminhada. Existiam Mensageiros bons, cavaleiros iluminados; e Mensageiros demoníacos, cavaleiros das trevas, conhecidos erroneamente pelo nome de Mensageiros da Libertação.

Que fique bem claro que os bons Mensageiros são nossos guias iluminados. A missão deles é conduzir nossos caminhos. Contudo, eu tinha a obrigação de seguir os ensinamentos da Ordem dos Mentecaptos: a verdadeira receita para uma vida mais tranquila, livre e feliz.

Na Ordem aprendi que o dinheiro deve ficar em planos inferiores em nossa vida, apesar de no mundo material ele reinar absoluto. Mas este conceito se torna uma ilusão quando crescemos nos ensinamentos da Ordem. Nossa aura se expande à medida que avançamos os graus iluminados, ampliando nossas fronteiras energéticas.

Antes de fazer parte da Ordem, meu objetivo era tão somente substituir minha deficiência intelectual por uma inteligência superior, com o intuito de me transformar num grande líder, numa espécie de